

---

# PEQUENA COMPANHIA, GRANDE ESPETÁCULO

---

José Neres



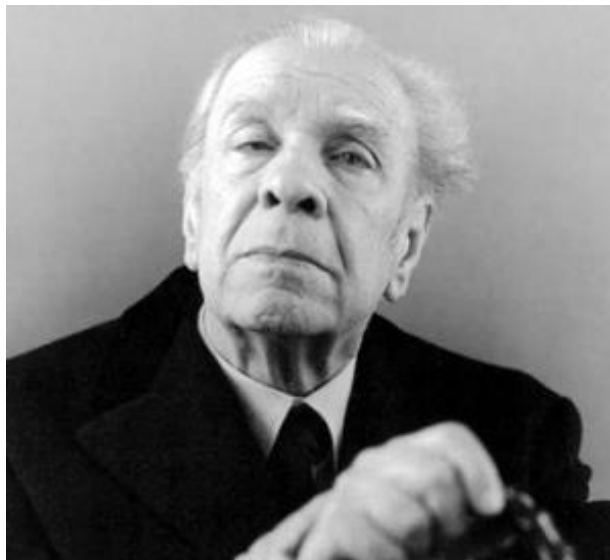
*Figura 1 Cláudio Marconcine e Tássia Dur em atuação na peça. Fonte da imagem:  
<http://pedrosobrinhonews.com.br/2019/04/28/ensaio-sobre-a-memoria-estreia-quarta-dia-1o-de-maio/>*

Podemos confiar cegamente em nossas memórias? Será que tudo aquilo que pensamos recordar realmente aconteceu da mesma forma que acreditamos haver ocorrido? Qual a linha divisória entre as recordações verdadeiras e a ficção que inunda nossas vidas? Será que uma personagem criada a partir de memórias pode ter sua trajetória confiável quando vista fora do plano da imaginação? Esses e muitos outros questionamentos podem ser encontrados na peça **Ensaio sobre a memória**, encenada pela Pequena Companhia de Teatro na primeira semana de maio de 2019.

Fui assistir ao espetáculo no dia de sua estreia. Fiquei logo feliz ao saber que os ingressos estavam quase esgotados e que, mesmo em um final de feriado, dezenas de pessoas se dispuseram a investir no enriquecimento da própria cultura. Já assisti a outras peças da Pequena Companhia de Teatro e sabia que o texto e a encenação teriam grande densidade cênica e que haveria uma grande

e elaborada imbricação entre a narrativa e o cenário, quase sempre minimalista, mas repleto de simbologias a serem destrinchadas pelo público.

Inspirado no conto **A outra morte**, do magistral escritor argentino Jorge Luis Borges, e repleta de intersecções dialógicas, a peça trabalha diversos aspectos que vão desde a criação ficcional até, como já informa o próprio título, a relação do Ser com suas próprias recordações, passado por questões sociais, como a tortura, o desaparecimento de pessoas e um tumultuado momento político-cultural que atravessa gerações e apresenta seus reflexos em diversas épocas.



*Figura 2: Jorge Luis Borges - Fonte da imagem: Internet*

A direção artística do experiente Marcelo Flecha foi exemplar e conseguiu imprimir seu estilo em uma encenação que exige bastante tanto dos atores quanto da plateia, que não pode perder uma fala ou um movimento, pois tudo está devidamente articulado com o intuito de construir um todo que se completa em um jogo de luzes, sombras, palavras, gritos, grunhidos e silêncios. Sem desperdícios e/ou adiposidades, o diretor optou por equilibrar a força do texto com a atuação cênica dos atores, a fim de que os silêncios e os espaços vazios fizessem parte de um conjunto harmônico e extremamente necessário à narrativa.

No palco, o cenário remetia aos fios tecidos da/pela memória e às construções sinápticas que se constroem e se desconstroem ao longo do tempo, tanto por conta dos desgastes naturais da vida quanto pelas agruras cotidianas. O jogo de encaixe das peças cria um clima de tensão e desperta a necessidade que temos de parar para rever conceitos, atitudes e até mesmo a própria construção de um passado que nem sempre se encaixa nas necessidades do presente.

Muito bem sintonizados entre si, os quatro atores em cena (Tássia Dur, Cláudio Marconcine, Kátia Lopes e Lauande Aires), desdoblaram-se para dar vida às personagens. A participação da atriz Kátia Lopes é incidental, mas serve para compor um cenário histórico que se repete ao longo das gerações. Por sua vez, o par formado pela jovem e talentosa Tássia Dur e pelo experiente ator Cláudio Marconcine interage de forma consistente e ocupa todos os espaços do palco em atuações bastante técnicas e centradas em um texto complexo que desafia a atenção do público a cada

nuance destacada tanto pela inflexão de voz quanto pelas tensões internas que servem como amarração para os diversos nós da narrativa.

A participação mais imponente, porém, foi a de Lauande Aires, que teve que multiplicar sua atuação em situações em que a presença física tinha que superar as falas e até a profundidade do texto. Habilidade no uso da corporalidade e da voz, a cada momento em que ele sai da aparente periferia da cena para ocupar o lugar de destaque no palco há uma espécie de fusão entre as hipotéticas realidades e as múltiplas facetas da memória, servindo tanto para imprimir um novo ritmo às cenas como também para jogar luzes sobre as nebulosidades das recordações.

**Ensaio sobre a memória** é uma peça muito bem construída, com um cenário bastante condizente com os aspectos relativos ao enredo do espetáculo e com ótimas atuações dos atores. A sala lotada e o ambiente intimista deixam o público mais próximo aos atores e suas personagens. Tudo isso contribui para um espetáculo de muita qualidade, o que já se tornou uma das marcas da Pequena Companhia de Teatro. Uma peça para ser guardada na memória e torcer para nunca ser traído por ela.



Figura 3 - Tássia Dur e Cláudio Marconcine em atuação na peça. Fonte da imagem: <https://zemaribeiro.com.br/tag/tassia-dur/>